

3

CAPÍTULO

LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE EM FLORIÁNOPOLIS: AS RENDEIRAS E SUAS CANTIGAS

Nathalia Müller
Cristine Gorski Severo

INTRODUÇÃO

O presente capítulo aborda a relação entre a constituição da identidade feminina e tradicional das rendeiras de Florianópolis e suas práticas linguístico-discursivas (as cantigas de ratoeira), buscando compreender como se dá a construção de significados locais de identidade de gênero intersectada pela identidade de tradição. São interrogados, sobretudo, os sentidos de “feminino” e de “tradição” indexados a tais práticas, considerando-se as narrativas dos sujeitos, os discursos folclóricos e as políticas de patrimonialização. A investigação ocorre, portanto, em um contexto que vincula práticas linguístico-discursivas e questões concernentes à construção cultural e política da identidade, em consonância com reflexões oriundas da Sociolinguística crítica (SINGH, 1996) e dos estudos baseados em comunidades de prática (ECKERT, 2000; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010[1992]).

Esta investigação colabora com o quadro brasileiro da Sociolinguística voltada aos estudos de gênero na medida em que contempla a produtiva aproximação entre os estudos de língua e os estudos de discurso¹ ou, em outros termos, as maneiras como os significados identitários se inscrevem na língua. Nosso enfoque, assim, aproxima o conceito de comunidades de práticas (ECKERT, 2000; ECKERT; MCCONNELL, 2010) do método de investigação do discurso empregado pela etnografia da comunicação. Busca-se enfatizar tanto o contexto no qual as práticas se realizam, quanto os sentidos atribuídos pelos próprios falantes/participantes às suas práticas de linguagem. Cabe, aqui, citar Bucholtz (2003), para clarificar os objetivos e métodos desse tipo de abordagem do discurso com a qual dialogamos:

Para esta finalidade, os etnógrafos da comunicação geralmente focam as “formas de falar” – gêneros discursivos através dos quais membros culturais competentes manifestam seu conhecimento cultural – ao considerarem os sistemas de classificação discursiva dos próprios falantes ao invés de importar suas categorias analíticas academicamente pautadas.² (BUCHOLTZ, 2003, p. 46)

1 Segundo Bucholtz (2003, p. 43): “[...] the use of discourse-analytic tools has helped to clarify and expand our knowledge of how gender and language mutually shape and inform each other”.

2 “To this end, ethnographers of communication often focus on ‘ways of speaking’ - discourse genres through which competent cultural members display their cultural knowledge - by considering speaker’s own systems of discursive classification rather than importing their own academically based analytic categories.” As traduções no decorrer do capítulo são de nossa autoria.

O conceito de comunidade de prática e o método de investigação da etnografia da comunicação são aqui relacionados considerando-se o fato de ambos priorizarem a construção linguístico-discursiva de sentidos identitários em nível local, evitando-se, assim, a abstração que define abordagens generalistas e/ou essencialistas.

Busca-se, dessa forma, empregar o aparato metodológico da Sociolinguística para se compreender a construção linguístico-discursiva de uma identidade feminina perpassada pela identidade de tradição.

3.1 SOBRE AS RENDEIRAS E A RENDA DE BILRO

A renda de bilro é um artesanato característico da cidade de Florianópolis e considerado referência cultural, artística e identitária das mulheres rendeiras. Trata-se de uma técnica passada de geração em geração pelas rendeiras e que remonta à imigração açoriana: “*Minha mãe me ensinou quando eu tinha seis anos e eu era obrigada a aprender*” (E., 58 anos)³. Em tempos nem tão remotos, a confecção de renda já foi uma das principais atividades exercidas pelas mulheres da Ilha e, no seu percurso histórico, a confecção da renda foi aliada a outros costumes, como a popular cantiga de ratoeira.

A técnica da renda de bilro encontra os traquejos de sua confecção pulverizados entre as gerações mais recentes. O rareamento contemporâneo da prática é a razão pela qual tal referência cultural tem sido, pelo menos desde a década de 1950 (SOARES, 1957), um lugar de produção de discursos de folclorização, os quais, por sua vez, podem ser interpretados como uma (re)invenção da tradição, pressupondo a seleção de um repertório específico – a renda de bilro – a ser monumentalizado entre as diversas manifestações da cultura popular (GARCIA, 2010). No embalo das políticas culturais públicas, a renda de bilro é contemplada por ações de investimento e incentivo institucionais que visam à sua preservação, como as fundações municipais de cultura (Fundação Franklin Cascaes) e as iniciativas no âmbito federal associadas às políticas de tombamento do Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN).

Assim, as políticas culturais de valorização das práticas das rendeiras colocam a seguinte situação: às questões de transmissibilidade oral da tradição entre as diferentes gerações somam-se discursos folclorizantes. Tais discursos folclorizantes atualizam e deslocam os sentidos das práticas tradicionais, criando novos significados que são construídos principalmente

3 O enunciado é uma transcrição da fala das interlocutoras na ocasião de pesquisa etnográfica na Casa de Referência da Mulher Rendeira (Amostra Rendeiras). Os termos em parênteses fazem referência à letra inicial do nome e à idade da entrevistada.

por políticas de patrimonialização. No caso da renda de bilro, por exemplo, em 2010 foi criado o Centro de Referência da Renda de Bilro, um termo de cooperação entre o Ministério da Cultura (Minc) e a Fundação Cultural de Florianópolis (Franklin Cascaes), através do Programa Nacional de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural (Promoart). Se, por um lado, tal Centro de Referência legitima as práticas e discursos das rendeiras, por outro lado, ele produz novos discursos, localizando as rendeiras – e sua renda de bilro e cantigas – em uma interseção entre a tradição, a mercantilização e a folclorização.

Na dinâmica esboçada acima estão implicados, para além da prática da produção de renda, processos nos quais as rendeiras envolvem-se em compartilhamentos de saberes e interações linguístico-discursivas, constituindo, assim, uma comunidade prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010[1992]; ECKERT 2000). É nesse âmbito comunitário local que ocorre a produção de significados relacionados à identidade feminina tradicional em Florianópolis. Entendemos que tanto a identidade como os usos de linguagem que lhes são associados são produtos de práticas sociais e devem, portanto, ser estudados em relação a essas práticas. O conceito de comunidades de prática permite-nos, portanto, compreender a relação entre construções identitárias e formas de fazer e dizer que emergem de um contexto de aprendizagem e compartilhamento de objetivos comuns. Nesse contexto, há o compartilhamento de um repertório que envolve formas de falar e de cantar, crenças, valores, narrativas, formas de se vestir, entre outros.

Sendo massivamente nativas de Florianópolis, as rendeiras apresentam em sua fala os traços linguísticos típicos das variantes constitutivas do falar ilhéu (SEVERO; NUNES, 2015): velocidade da fala, prosódia aguda e com uma curva ascendente no final da frase, pronúncia palatalizada da consoante fricativa alveolar em coda silábica (como em *fe[s]ta* e *me[ʒ]mo*), realização de oclusivas alveolares diante de /i/ (como em *tia* e *dia*). A nossa experiência etnográfica revelou, ainda, algumas apreciações das renderias em relação à variedade linguística falada pelos manezinhos: em uma das visitas feitas em campo na casa de D.A. (rendeira, 79 anos) localizada no Bairro Rio Tavares, nos confrontamos com a concepção que os próprios nativos têm de sua variedade vernacular, a qual revela um certo julgamento depreciativo a respeito de uma suposta falta de correção. Ademais, P. (servidor público, 54 anos), morador da ilha em constante contato com as práticas culturais tradicionais florianopolitanas, advogando um determinado valor de genuína fala nativa, revelou não sentir-se representado por ícones midiáticos de Florianópolis.

Essas marcas da oralidade e essas apreciações nos interessam particularmente, uma vez que, no interior do quadro esquemático delineado, desejamos atentar para a relação da construção de identidade feminina com as cantigas de ratoeira, interpretadas como práticas linguístico-discursivas orais. Entendemos que a prática do canto, no caso das rendeiras, é um potente agenciador de sentido das representações de um feminino tradicional nativo de Florianópolis e que os valores e os significados das cantigas e dessas representações se dão no interior das comunidades de prática. A tradição, então, não configura uma estrutura estanque que se dispersa através das gerações, sendo, então, produzida e logo reinventada.

A relação entre práticas linguístico-discursivas, identidade e tradição não é direta ou transparente. Mobilizar o conceito de identidade no momento contemporâneo significa considerar a ideia de crise (HALL, 2006), que desafia a noção essencialista de “pureza” presente em certas concepções de identidade e de tradição. A identidade, segundo Hall (2014, p. 104), “é um conceito que opera ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada de forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser pensadas.” Com isso, nos apoiamos teoricamente na proposição de que não se trata “[...] de conservar e resgatar tradições supostamente inalteradas. Trata-se de perguntar como estão se transformando e como interagem com as forças da modernidade” (CANCLINI, 2008, p. 218).

3.2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

As considerações feitas sobre a relação entre língua, identidade de gênero nesse capítulo levam em conta o recorte de um corpus organizado a partir de conjuntos discursivos que, por vezes, revelam visões diferenciadas, a saber: a) documentos produzidos por órgãos de políticas públicas e culturais que visam resgatar a identidade das rendeiras; b) discursos acadêmicos sobre a renda de bilro e cantigas de ratoeira; c) arquivos de vídeos e áudios que midiaticizam as práticas, constando de narrativas e memórias de mulheres identificadas como rendeiras e; d) o relato de caráter etnográfico a partir da observação e da interlocução com as subjetividades ora investigadas, na comunidade de prática das rendeiras na Casa de Referência da Mulher Rendeira.

Mais especificamente, o corpus é constituído pelos seguintes produtos: documentários *Versos da Ilha* (2013) e *Pois Agora* (2013); a obra *Desde o Tempo da Pomboca – Renda de Bilro de Florianópolis* (FIGUEIREDO, 2014); dados do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); relatos et-

nográficos buscados na Casa de Referência da Mulher Rendeira e nos domicílios de algumas das participantes dos encontros; narrativas levantadas por Silva (2011) em sua dissertação *Ratoeira – Música de Tradição Oral e Identidade Cultural*.

Importante esclarecer que dois referenciais emergem em relação à identidade das rendeiras: o primeiro são as mulheres que fazem renda e compartilham um repertório linguístico-discursivo materializado em suas interações e em suas vivências na Casa de Referência da Mulher Rendeira ou em seus domicílios; o segundo diz respeito às discursivizações sobre essas identidades, seja pela folclorização da prática, na qual toma-se a renda de bilro isoladamente, seja por meio de um olhar acadêmico, que considera as identidades a partir de uma matriz teórica muitas vezes distanciada da vida dessas mulheres.

Sobre os estudos voltados para a relação entre linguagem e gênero a partir do conceito de prática, Eckert e McConnel-Ginet (2010 [1992], p. 94) criticam o excesso de abstração quanto às categorias de feminino e masculino em pesquisas clássicas sobre o tema, defendendo que “compreensões teóricas sobre como linguagem e gênero interagem demandam cuidadosa observação das práticas sociais nas quais são conjuntamente produzidos”. As autoras propõem, então, que a visão sobre a relação entre gênero e linguagem se dê ancorada em uma perspectiva contextual, ou seja, em comunidades locais específicas nas quais os sujeitos reúnem-se em torno de um objetivo particular e compartilham um repertório comum, evitando-se, assim, o impasse de um excesso de abstração. Embora os sujeitos participem de diferentes comunidades de prática interligadas, o recorte teórico-metodológico da pesquisa não visa explorar um olhar comparativo que rastreie as redes de relacionamento ou as comunidades das rendeiras, embora a experiência etnográfica da pesquisa realizada tenha propiciado uma interlocução entre dados levantados na Casa de Referência da Mulher Rendeira e na casa de uma das rendeiras.

A concepção teórica centrada nas comunidades de prática privilegia as ações – práticas concretas e localizadas – e os engajamentos que situam os diferentes usos da língua. Consideram-se, também, as “interações observáveis que realizam o trabalho de produzir, reproduzir e resistir à organização de poder na sociedade e nos discursos sociais [...]” (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010[1992], p. 105). Tal abordagem é pertinente para se analisar a constituição da identidade das rendeiras a partir de um fazer: a prática artesanal da renda e as cantigas, configurando a ideia de *gendered practices* (ECKERT, 2008). A um dado fazer somam-se compartilhamentos linguísticos, simbólicos e discursivos. É no interior dessas esferas que o gênero é negociado, não isoladamente, mas vinculado a outras

identidades, como a de tradição.

Ademais, nenhuma comunicação é calcada apenas em elementos linguísticos. O conceito de comunidade de prática agencia outros elementos semióticos para se pensar a comunicação e o discurso realizados em seu interior. Nas CofPs (*Communities of Practices*), o sentido é localmente negociado acompanhado sempre de outros sistemas simbólicos:

Nunca nos deparamos com a linguagem sem que esteja acompanhada de outros sistemas de símbolos, e o gênero é sempre acompanhando de formas complexas de participação de pessoas reais em comunidades às quais elas pertencem (ou pertenceram, ou ainda vão pertencer). (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010 [1992]), p.97)

Tendo feito uma apresentação conceitual dos significados mobilizados pelo conceito de comunidade de prática, discorre-se a seguir sobre aspectos analíticos da identidade e subjetividade rendeira em relação às suas práticas linguístico-discursivas.

3.3 LÍNGUA, IDENTIDADE E TRADIÇÃO: TECENDO APRECIÇÕES ANALÍTICAS

Antigamente, na memória de uma Florianópolis tão saudada pelo discurso nativo, dizia-se que “onde há rede, há renda”. Esse enunciado característico da cultura ilhéu já nos oferece pistas sobre a significação das práticas artesanais: ele delimita e caracteriza as práticas como *gendered practices*, revelando campos de atuação produtores de diferenciação de gênero, ou seja, reservados ao espectro masculino e ao espectro feminino. É possível pensar que o caráter social, cultural e identitário da renda de bilro – permeada por práticas linguístico-discursivas, como a cantiga da ratoeira, e pela constante negociação de significados de feminilidade e tradição – é o que assegura sua maior visibilidade em relação à prática artesanal tipicamente masculina da pesca. Por outro lado, a prática da cantiga de ratoeira é menos conhecida e visibilizada do que outra prática folclórica tipicamente masculina, o Boi de Mamão. Essa comparação revela como tem sido demarcada a diferenciação de gênero: práticas tidas como masculinas vinculam-se à esfera pública, e as práticas tidas como femininas, à esfera privada. Contudo, salienta-se que os discursos de resgate da tradição florianopolitana têm alçado a cantiga de ratoeira a uma esfera publicizada, sendo que, atualmente, a prática que teve suas origens em contextos privado passa a ressoar também em um contexto social coletivo, como é o exemplo da Casa de Referência da Mulher Rendeira.

A abordagem do conceito de Comunidades de Prática caracteriza-se por considerar a atividade da renda um fazer vinculado a aspectos sociais e históricos, no embalo das reflexões feitas por Zanella, Balbinot e Pereira (2000, p. 236):

Com relação à atividade foco do presente estudo – a renda de bilro – trata-se de uma manifestação cultural e, como tal, deve ser entendida como atividade social realizada por uma determinada coletividade, desse modo, ao aprendê-la, o sujeito apropria-se não somente de um fazer, mas de toda a história e valores que o caracterizam, sendo que, ao mesmo tempo, imprime a estes sua marca singular.

Diante disso, o conhecimento da técnica envolvida no artesanato não acarreta necessariamente um processo de subjetivação como “mulher rendeira”. A agilidade de manuseio dos bilros deve ser somada às práticas linguístico-discursivas compartilhadas pelas rendeiras. Assim, ser rendeira implica negociar e interagir com uma série de símbolos por meio de ações como as práticas linguístico-discursivas, incluídas aí variantes da fala florianopolitana e o compartilhamento do cancionário popular da ratoeira.

Quando atentamos para os relatos de rendeiras compilados pelo IPHAN em *No Tempo da Pomboca – a renda de bilro em Florianópolis* (FIGUEIREDO, 2014), e para as narrativas que surgiram em nossas interlocuções com as rendeiras, percebemos que, em muitos casos, o artesanato constituía um ofício a ser aprendido em um tempo em que “não tinha nada” (enunciado reiteradamente proferido pelos sujeitos com os quais interagimos quando referiam-se ao contexto passado florianopolitano). Caracterizava-se, então, por ser uma atividade doméstica, focada ao âmbito privado. A prática da ratoeira, contudo, é muitas vezes lembrada como uma prática que permitia às meninas comunicarem-se e flertarem com os meninos, ou seja, uma forma de manifestação em um espaço público.

A expansão e urbanização de Florianópolis permitiram às rendeiras o engajamento em empregos formais, mais rentáveis. Após a aposentadoria, contudo, muitas dessas mulheres retornaram à atividade, aproveitando-se do convívio social proporcionado e da valorização da prática do bilro, seja em nível identitário, seja em nível comercial:

Hoje as coisas estão melhores. Não ganho muito, mas tenho aposentadoria, ganho um salário mínimo, já dá pra passar. Tenho filho que ajuda Passeio mais, me divirto muito no casarão da Lagoa com minhas colegas de lá. Enquanto eu tiver força e perna para ir, eu vou. (Relato de Dona Siderma *apud* FIGUEIREDO, 2014, p. 132).

Nos encontros etnográficos na Casa de Referência da Mulher Rendeira, foi possível testemunhar muitos exemplos do cancionário florianopolitano. “Ratoeira não me prenda que eu não tenho quem me solte” é um dos versos das cantigas e expressa as razões para essa específica denominação da prática: segundo o discurso nativo, trata-se de reter os participantes no centro da roda, especialmente os enamorados.

Sucintamente, a dinâmica da ratoeira constitui-se da seguinte maneira: sua estrutura é dialógica, onde quadras são cantadas (sejam improvisadas ou provenientes de um repertório oral compartilhado pela comunidade) em uma voz solo, seguidas por um refrão cantado pelo grupo e respondidos por outra voz, que retoma a brincadeira com novos versos. Normalmente há dois contornos melódicos singelos e sem maiores ornamentações, um solo e outro cantado pelo coro.

Notamos por meio do levantamento bibliográfico e documental que a prática linguístico-discursiva e musical da ratoeira não é devidamente registrada, especialmente se comparada com a renda de bilro. Talvez esse fato se deva às dificuldades de registro da dimensão oral própria da prática canora, o que resulta na existência de múltiplas indefinições encontradas quando tentamos nos aproximar da historicidade dessa prática tradicional. Analisar os significados da ratoeira demanda, também, recorrer ao discurso nativo, o qual, em alguns casos, preconiza sua extinção.

Contudo, partimos do pressuposto que não há extinção, mas resignificação enquanto prática efetiva nos grupos de rendeiras de terceira idade, seja por meio das documentações e registros de resgate da cultura tradicional, seja pelas narrativas atualizadas das próprias rendeiras. Sobre essa resignificação, vale mencionar as reflexões de Silva (2011, p. 113):

A ratoeira já possuiu um papel de intermediar namoros, por meio das disputas poético-musicais e flertes entre os cantantes. Atualmente é basicamente realizada em apresentações folclóricas de grupos de terceira idade e eventualmente é ensinada a crianças em algumas escolas também com o rótulo de “folclore.”

Da mesma forma que a renda de bilro é tomada por “coisa de mulher”, a prática das cantigas também o é. O repertório das cantigas foi/é massivamente dominado por mulheres, que o aprendiam com suas mães e

avós. Tem-se, então, acoplada à prática, uma estrutura simbólica de categorias binárias, como o masculino e o feminino. Compreendemos, portanto, a ratoeira como uma das práticas que produzem diferenciações entre os gêneros no interior da comunidade de prática. Aproximando-nos dos relatos dos próprios sujeitos vinculados à prática, observamos que as rendeiras referem-se às cantigas como algo que, no passado, lhes possibilitou fazerem ressoar sua voz em espaços públicos. É possível depreender esses sentidos a partir dos seguintes depoimentos: “Naquele tempo a gente ficava trancada”; “Naquele tempo não tinha nada”; ou ainda “Naquele tempo mulher não estudava”.⁴

Dessa forma, se essas mulheres tinham seu discurso interdito no espaço público da comunidade, especialmente nas interações com os homens, a prática das cantigas era uma forma velada de fazer ressoar as suas vozes, manifestando-se em sua comunidade e rompendo o silêncio que lhes era atribuído/esperado, enviando mensagens de flerte ou, ainda, jocosas. Contemporaneamente, consideramos que as ratoeiras, para além da afirmação de um passado caracterizado pela tradição, é também um lugar onde as rendeiras seguem ressoando sua voz e constituindo a sua identidade, à qual novos sentidos são endereçados.

Outra diferença pertinente entre a prática da ratoeira no passado e no presente é que se no passado a ratoeira, como prática oral popular transmitida geracionalmente, inscreveu-se no repertório oral compartilhado, atualmente, as vozes e os sujeitos que a cantam foram midiaticizados, registrados e veiculados em portais de compartilhamento audiovisuais. Nesse sentido, um novo espaço é inaugurado para tais práticas, produzindo efeitos sobre a ressignificação dessas práticas e dos sujeitos por elas interpelados.

Ainda no âmbito da relação entre as temporalidades vinculadas à ideia de tradição, a menção ao passado é referência central a partir da qual desenrola-se o discurso acerca da ratoeira, conforme evidenciado neste relato:

Hoje em dia já ninguém canta mais... ninguém sabe por quê... A nossa mocidade, não era baile, não era nada... nós ia de noite pra praia, aí nós fazia aquela roda [...] e começava a cantar... cantava a noite... cantava de três, quatro horas, nós cantava... aquela onda grande... cantava um verso uma pra outra... É que ninguém sabia essas música de rádio, televisão, não sabia, então era só isso, NE? (Relato de Dona Maria *apud* VERSOS, 2013)

4 Tais enunciados foram registrados em nota durante a pesquisa etnográfica.

Muitas das narrativas das rendeiras referem-se ao passado como um período árduo. A memória da cantiga se remete a uma Florianópolis rural, em que as crianças eram desde muito cedo incorporadas a um regime laboral intenso. As recordações da mocidade, dos hábitos alimentares e culturais (como a renda e ratoeira, as festas religiosas e as práticas culturais como o Boi de Mamão) são as referências do tempo em que aquilo que atualmente é designado como “tradição” configurava simplesmente os hábitos de vida compartilhados no quadro da cultura popular.

Eu não tenho saudade daquele tempo, era tudo muito sacrificado. Além de fazer renda eu cuidava das coisas com a mãe. A gente ia lavar roupa, tinha que pegar água lá embaixo da fonte, não tinha água encanada, meio-dia tinha que levar almoço pro pai a pé. (Relato de Madalena Aurora Gaia *apud* FIGUEIREDO, 2014, p.111)

A gente cantava... nós saía passear, ai um monte de meninas, juntava e cantava ratoeira. E cantava ratoeira porque não passeavam, não tinha nada... (Relato de Juliana *apud* VERSOS, 2013)

Embora as rendeiras reconheçam o valor dos grupos de rendeiras, comuns a quase todos os bairros tradicionais de Florianópolis, paradoxalmente elas parecem pouco lamentar o fato de que suas filhas e netas não aprenderam a técnica. Assim, provavelmente a “tradição” opera como um valor simbólico para os outros, e não para elas, pois as rendeiras estão cientes de que a renda de bilro não constitui uma profissão para as gerações que lhe sucedem. Por outro lado, as políticas de patrimonialização buscam agregar valor à atividade da renda e atrair mais jovens para a atividade. Apesar dessas contradições, os relatos etnográficos feitos revelam que as rendeiras atualmente experienciam aquilo que chamam de “melhor momento de sua vida”, uma vez que, atualmente, decidem sobre suas práticas. Assim, a renda de bilro deixa de ser uma obrigação (na falta de outras opções profissionais) e a ratoeira deixa de ser uma distração, sendo ambas ressignificadas – pelas rendeiras – no interior da comunidade.

Sobre os processos de folclorização das práticas das rendeiras, nota-se que quando as próprias rendeiras cantoras de ratoeira ignoram as particularidades de suas práticas na atualidade para significá-las apenas no passado, elas também estão, de certa forma, se apropriando e atualizando os sentidos folclorizantes que lhes são atribuídos por terceiros. Dessa forma, as rendeiras se relacionam com as próprias comunidades para, como sujeitos identificados como “típicos”, desfrutarem de espaços de convívio e socialização, além de realizarem intercâmbios e viagens. Atualmente, por exemplo, as rendeiras estão iniciando uma parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina e a prefeitura municipal para a criação de uma

loja para suas confecções a ser localizada no Mercado Público de Floriánópolis, o que lhes oferecerá vantagens na venda de suas peças. A mercantilização da prática – conferindo às rendeiras uma certa agentividade em relação a vida econômica e social – emerge no relato abaixo:

O Centro de Referência da Rendeira melhorou o incentivo pra rendeira colocar a renda lá para comercializar. Surgiram oportunidades, dou aula de renda de bilro na Biblioteca Barreiros Filho no Estreito, isso me ajudou bastante, fui pro Rio de Janeiro, nunca tinha viajado de avião [...] (Relato de Dona Nerivalda *apud* FIGUEIREDO, 2014, p. 82)

Diante do exposto, sistematizamos nos quadros 1 e 2 como os discursos e práticas das rendeiras são ressignificados, no interior da comunidade de prática, a partir da relação complexa entre identidade, língua e tradição.

Quadro 1: Diferentes discursos sobre o passado
Sentidos Atribuídos ao Passado

Discurso das Rendeiras	As memórias das rendeiras localizam o passado entre um tempo de muitas dificuldades (para, por exemplo, executar tarefas hoje simples, como deslocar-se pela cidade, além do rigoroso modo de vida de um regime rural). Há, todavia, uma ludicidade em suas lembranças, especialmente no que diz respeito à abundância de recursos naturais, à coesão da comunidade “nativa”, que se contrapõe à irrupção do turismo na ilha e ao fato de ser essa a temporalidade quando as práticas de ratoeira e de confecção de renda de bilro eram mais comuns entre as mulheres da ilha.
Discurso Folclórico	O passado, museificado, é o tempo dourado do discurso folclórico, cujas representações sempre estão na iminência de serem perdidas devendo, portanto, serem resgatadas. Importa, mencionar que tal discursividade se mantém relativamente inalterada desde a década de 1950.
Nossas observações	O passado é o eixo temporal mobilizado na maior parte dos discursos (seja folclórico, seja nativo, seja acadêmico). Uma própria avaliação linguística deflagraria a constante mobilização dessa temporalidade por uma análise das narrativas das rendeiras, obscurecendo as práticas no presente.

**Quadro 2: Diferentes discursos sobre o presente
Sentidos Atribuídos ao Presente**

Discurso das Rendeiras	As rendeiras são positivas quanto ao seu momento presente, à medida que percebem-se usufruindo da visibilização de suas práticas e da possibilidade de novas socializações, intercambiando seus saberes com outras rendeiras de diversas partes do Brasil e do mundo. Contudo, raramente a prática de ratoeira é discursivizada por esses sujeitos no momento presente, a não ser que as rendeiras sejam pontualmente indagadas sobre o tema.
Discurso Folclórico	Para o discurso folclórico, o momento presente é quando urge resgatar a prática, estando, nesse sentido, em desvantagem em relação a um passado mítico quando vigorava a tradição.
Nossas observações	Conjugamos o passado e o presente: os discursos no presente operam como atualizações de memórias e discursos sobre o passado, ressignificando o valor da tradição. Sobre a cantiga da ratoeira, contudo, parece haver uma dissociação entre o passado (as rendeiras geralmente se remetem a um tempo não mais vivido quando são indagadas sobre as cantigas) vs. presente (as rendeiras cantam no presente as cantigas, enquanto fazem sua renda, embora quando indagadas sobre o assunto dizem que não sabem mais as cantigas).

Além da relação entre passado e presente, a análise do *corpus* possibilitou depreender uma série de significações em torno da identidade de gênero em relação às práticas linguístico-discursivas das rendeiras. O quadro 3 sistematiza alguns desses sentidos.

Quadro 3: Diferentes discursos sobre os sentidos de feminino (gênero)
Interpretações das questões relativas a gênero

<p>Discurso das Rendeiras</p>	<p>As rendeiras entendem que suas práticas de renda de bilro e de ratoeira são práticas compartilhadas por mulheres e compreendem que, no passado, ser mulher era oneroso, uma vez que uma série de restrições lhes era imposta. Ademais, a ratoeira aparece em suas narrativas como coisa de “menina namoradeira”. Nesse sentido, quando colocam-se em perspectiva com as novas gerações de mulheres na ilha, situam-se em uma posição de desvantagem, especialmente quanto à liberdade de escolha que as mulheres possuem hoje em dia. Por outro lado, as rendeiras também relatam sua projeção pela mídia, a qual ressignifica o valor de suas práticas “artesanais”.</p>
<p>Discurso Folclórico</p>	<p>Sem deter-se nas repercussões de seus dizeres, o discurso folclórico advoga que tanto a prática de confecção de renda de bilro, quanto de cantigas ratoeira são “coisa de mulher”.</p>
<p>Nossas observações</p>	<p>A construção da identidade de gênero não deve ser refletida isoladamente. Ainda que as práticas sejam constitutivas da representação de uma certa “feminilidade” de tradição em Florianópolis, é necessário atentar, especialmente no contexto atual, para as relações entre gênero, língua e tradição. Ou seja, a ratoeira torna-se uma prática linguística de construção de identidades femininas que compartilham memórias.</p>

Mais especificamente sobre as cantigas de ratoeira como práticas que produzem e reproduzem significados identitários de gênero e de tradição, as tabelas abaixo sistematizam alguns significados atribuídos à ratoeira a partir de três posicionamentos discursivos: a experiência das rendeiras, os discursos folclorizantes e a experiência etnográfica. Da mesma forma que se percebe nas tabelas anteriores, os discursos não ressoam os mesmos significados. Por exemplo, a identidade feminina, na perspectiva das rendeiras (quadro 4), não é discursivizada da mesma maneira que os discursos folclóricos. As observações etnográficas buscaram considerar esses dois olhares em diálogo com a experiência acadêmica da presente pesquisa.

Quadro 4: Diferentes discursos sobre as cantigas que compõem o repertório oral da ratoeira
Repertório da Ratoeira

Discurso das Rendeiras	As rendeiras assumem como cantigas de ratoeira canções que nos levantamentos folclóricos não compõem o repertório da ratoeira.
Discurso Folclórico	Delimita e descreve aquilo que elege como “cantigas de ratoeira” sem considerar a opinião de seus praticantes, seja a partir de suas quadras, seja a partir do contorno melódico.
Nossas observações	Validamos aquilo que é entendido por cantiga de ratoeira no interior da comunidade de prática, a despeito das especificações dessa manifestação popular feitas pelos discursos folclóricos e acadêmicos.

Quadro 5: Diferentes discursos sobre os contextos de prática das cantigas
Contexto da prática das cantigas

Discurso das Rendeiras	As rendeiras situam as práticas sobretudo em contextos laborais (colheita de café, raspagem de mandioca, escalação de peixe), pouco mencionando os episódios nos quais as cantigas eram cantadas em roda.
Discurso Folclórico	Restringe a prática da ratoeira como a execução de uma ciranda, atualmente presente apenas em apresentações folclóricas, raramente mencionando sua relação com a renda de bilro.
Nossas observações	Verificamos que as cantigas são geralmente cantadas em contextos de encontros entre as rendeiras para feitura da renda de bilro. É nesse contexto que a língua emerge como signo identitário de feminilidade e tradição.

Dada a ênfase conferida à noção de identidade que perpassa nosso trabalho, consideramos o sentido de identidade não como fixo e essencialista, mas, sim, como estratégico e posicional. Dessa forma, não tomamos as mulheres que confeccionam renda de bilro como naturalmente identificadas como rendeiras (caracterização que também lhes é exterior): as compreendemos como mulheres que se constituem rendeiras à medida que suas práticas e seus discursos lhes remetem a tal posição, no interior de uma comunidade de prática. Assim, a língua e as práticas linguísticas assumem um lugar de construção das identidades, processo que ocorre na relação das rendeiras entre si e na relação delas com as instituições.

Considerando a dimensão da tradição para se analisar a identidade das rendeiras em relação às suas práticas linguísticas (cantigas), a relação entre passado-presente tornou-se central para a avaliação dos sentidos produzidos pelas e sobre as rendeiras. Sinalizamos para um processo de (re)invenção de uma tradição, complexificada pela tensão entre o discurso folclórico de retorno às raízes e as experiências concretas e atualizadas dos sujeitos. Diante dessa tensão, Stuart Hall (2014, p. 109) assegura que:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós devemos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

Quando contrapomos os discursos folclóricos e acadêmicos sobre as rendeiras, interrogamos politicamente quem detém o poder de definir as identidades em oposição às práticas sociais e discursivas que, situadamente, deflagram essas mesmas identidades, levando os sujeitos a momentâneas identificações. Buscamos, então, nessa dinâmica de identidade como processo, considerar a relação entre autoidentificação, identificação operada pelo outro e identificação feita por instâncias institucionais (BRUBAKER; COOPER, 2000).

PALAVRAS FINAIS

Este capítulo buscou salientar que, quando interpelamos as narrativas das rendeiras para pensar as condições de seu processo de identificação nas práticas da cantiga de ratoeira, não estamos buscando uma identidade essencial. Na dinâmica do jogo de identificações em relação à ideia de tradição, as rendeiras não estão “imunes” ou “intocadas”. A reinvenção da tradição – pela folclorização das práticas e a atualização de uma memória pelas rendeiras – também confere às rendeiras vantagens, como uma certa visibilidade na cena pública. Isso é verificável nos recortes das narrativas apresentadas, que, se por um lado, reiteram o passado mítico em vias de extinção, por outro lado, buscam um distanciamento em relação ao passado. Essa tensão entre passado-presente é constitutiva do processo de resignificação da identidade das rendeiras em relação à tradição. É nesse contexto que a língua – vista como prática linguística que se realiza no interior de comunidades de prática – se torna lugar para negociação de sentidos e construção das identidades. Este capítulo não teve como objetivo elencar traços linguísticos pontuais que revelassem essa dinâmica identitária, mas

enfocar uma prática linguística específica – a cantiga de ratoeira – como lugar de construção e ressignificação da identidade feminina em relação à tradição. É em relação a essa prática que a língua emerge relativamente estável.

REFERÊNCIAS

- BRUBAKER, R.; COOPER, F. Beyond 'Identity'. *Theory and Society*, 29, p. 1-47, 2000.
- BUCHOLTZ, M. Theories of discourse as theories of gender: discourse analysis in language and gender studies. In: HOMLES, J.; Meyerhoff, M. *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell publishing, 2003. p. 43-68.
- CANCLINI, N. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2008.
- ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics* 12/4, 2008. p. 453-476.
- ECKERT, P.; McConnell-Ginet, S. Comunidades de prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, C.; FONTANA, B. (orgs). *Linguagem, Gênero Sexualidade*. São Paulo: Parábola, 2010, p. 93-108.
- FIGUEIREDO, W. (Org). *Desde o tempo da pomboca – renda de bilro em Florianópolis*. Pesquisa e texto de Carin Heloísa Machado, Maria Armenia Muller Wnedhausen e Wilmara Figueiredo. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN), CNFCP, 2014.
- FOLCLORE Catarinense. *Um mosaico cultural popular*. Governo do Estado de Santa Catarina. Prefeitura Municipal de Florianópolis: Fábrica de Comunicação. Florianópolis. [s./d.]
- GARCIA, T.C. A folclorização do popular – uma operação da resistência à mundialização da cultura, no Brasil dos anos 50. *ArtCultura*. v.12, n. 20. Uberlândia. Jan-jun. 2010. p. 7-22.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. Quem precisa de identidade. In: TADEU, T. T. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. Traduções por Tomaz Tadeu da Silva. Ed. Vozes: Petrópolis, 2014. pp. 103-133.
- POIS Agora. Documentário sobre o Bairro do Rio Tavares em Florianópolis. Produzido por: Marcelo Dias. 2012 (29:51). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9s_fOVZx0Pg. Acesso em: Mar. 2014.
- SEVERO, C. G.; SOUZA, C. M. N. identidade e língua na ilha de Santa Catarina:

sobre a relação entre o **manezinho** e o **manezês**. In: SAVEDRA, M. M. G; MARTINS, M. A.; DA HORA, D. (orgs.). **Identidade social e contato linguístico no português brasileiro**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015, pp.13-36.

SILVA, R. M. **Ratoeira**: Música de tradição oral e identidade cultural. Florianópolis: UDESC, 2011. 176 p.

SINGH, R. **Towards a Critical Sociolinguistics**. Amsterdam: John. Benjamins, 1996.

SOARES, D. Do artesanato e sua proteção – a renda de bilro em Florianópolis, 1957.

VERSOS da Ilha – Curta Documentário. Direção, fotografia e edição: Daniel Choma. Pesquisa e Produção Tati Costa. Produzido por Câmara Clara – Instituto de Memória e Imagem. 2013 (13:03 min.). Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pqlfgwVfJpU>. Acesso em: Mar. 2014.

ZANELLA, A.V.; BALBINOT, G.; PEREIRA, R.S. A rede que enreda: analisando o processo de constituir-se rendeira. **Educação & Sociedade**. v. 21, n. 71. p. 235-252, 2000.